

A CASA DE SARMENTO

C. Candal dos Santos *

Naquele tempo não havia o curso pré-universitário, que houve depois, nem o segundo ciclo secundário, mais recente. Vencidos os cinco anos seriados do ginásio, com dois turnos diários e um período letivo que, sem férias de inverno, ia de primeiro de março às vésperas de Natal, a gente saía direto para o vestibular. Foi assim que, mal concluídos os dezesseis anos, vivi meus instantes gloriosos de ingresso na austera e augusta casa de Sarmento Leite. Éramos, os felizardos, pouco mais de cem. Alguns já velhotes. Outros, os precoces da turma dos quais recordo Mario Salis e Saturnino Jorge Velho, ainda transitavam pela etapa quinzenária da vida. Começamos o curso médico lá pelos idos de março de 1931. Em fins de trinta e seis, lançavam-nos às feras, na arena da profissão.

A Faculdade de Medicina que encontramos era ainda uma instituição privada. No ano seguinte, graças às diligências de Oswaldo Aranha, haveria de ser agraciada com a encampação federal. Diria ser, na época, o único centro de ensino médico do Extremo Sul do país, não fosse uma congênere rival, a Escola Médico-cirúrgica, também de Porto Alegre, que com ela disputava encarniçadamente a sobrevivência até que viesse a sucumbir por inanição.

Não sei que impressão colhem da Faculdade e de seus mestres os ingressos de hoje, porque os tempos estão mudados. Para nós a grandiosidade, sentida em tudo, tocava às raíais do sublime. O ar que ali respirávamos trescalava incenso. Parecia-nos viver na sacrossantidade de um templo em que, prêsos a uma destinação transcendente, os mestres, sábios e dignos, cumpriam as tarefas sacerdotais. Tal como aqueles templos de Apolo da Grécia legendária, onde os filhos de As-

clépias, de cepa divina, exerciam a medicina; como aquelas jóias arquitetônicas de que nos falava em aula Raymundo Viana, com rara eloquência, em cujos pórticos se ostentava a severa advertência: — «Não penetrem aqui senão as almas puras».

O tempo, no entanto, se foi aos poucos encarregando de nos desmascarar alguns equívocos. E a grande lição a ser aprendida, dentro em pouco, era a de que por toda parte e em todos os tempos, as grandezas e as misérias humanas costumam andar de mãos dadas. Mas — transcorridos já tantos anos, em plena maturidade de nosso juízo crítico e desconsideradas as inevitáveis exceções — é-nos ainda forçoso reconhecer a singular grandeza de boa parte dos homens que compunham o corpo docente de então; dos que avocavam as duras e onerosas responsabilidades do magistério médico em uma modesta escola particular carente de recursos e que tudo envidava para postar-se nivelada à altura de seus grandes designios.

Fundada em 25 de julho de 1898, a atual Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul está comemorando entre galas seu septuagésimo-quinto aniversário. E, membro de seu quadro de professores, fui honrado oficialmente com a incumbência de trazer a público alguns aspectos de uma etapa de sua história que me foi dado viver.

Podendo dizer quase nada, por limitações de espaço, do muito que teria a fazê-lo, restrinjo-me ao essencial, pondo a tônica na seguinte assertiva: o valor humano dos mestres é a medida com que se aferem as qualificações de uma escola. Um mestre é, antes de tudo, um paradigma, um exemplo vivo, um indutor

* Professor titular, FMPA/UFRGS

de ideais, um modelador de consciências, um líder espiritual. Desmerece o título se lhe falece uma dessas funções. E, para que as tenha e mantenha, cumpre-lhe ser justo em seu nobre mister. Justiça, aquela do «dever ser», de Anaximandro, é, na esfera humana e a um só tempo, heroísmo, sapiência e santidade. Heroísmo, não tanto o do destemor mas o da ação: da iniciativa, da prudência, da perseverança. Sabedoria, tanto a do rato como a do condor: não só a que se restringe especialmente na minudência, mas também e principalmente a da clara e generalizada visão dos universais. Santidade, menos a da pureza que a do amor; do amor à moda de Santa Tereza, a doutora, de São Francisco de Assis ou de Heloísa; do amor ao próximo, à comunidade, a uma causa, a um ideal, a um Deus, às coisas inanimadas, a um universo panteísta que seja, ou mesmo à simples querência.

No magistério, como em tudo, há, é claro, um amplo elástico de gradações válidas e aceitáveis. A «aura mediocritas» é estatisticamente a prevalente. Seria absurdo exigir-se para todo mestre um conjunto dessas qualificações em sumo grau. O inaceitável, porém, absolutamente intolerável, é a presença dos falsos mestres, dos impostores, dos que, por eruditos ou atuantes que possam ser, não abrigam na alma as sagradas e autênticas motivações do magistério. Esses escandalizam a juventude, no sentido bíblico. E a eles «melhor fora que se lhes atasse uma mó de moinho ao pescoço e os lançasse ao fundo do mar».

Nesse particular, bendigo aos céus, que mestres tive. E muitos de bom quilate.

Sempre me interessei por descobrir o que estariam eles pretendendo quando se candidataram ao magistério nesta Faculdade que, pobre como era, não podia oferecer-lhes uma remuneração mais do que simbólica. O título de professor ou de lente, como então se dizia, pode valer muito hoje como instrumento de promoção profissional mas, como tal, despia-se de atrativos à época em que o mercado de trabalho se encontrava ainda longe da saturação. Para os esculápios, o tempo representava o supremo valor condicionante para o atendimento de uma cli-

entela que, a despeito da liberdade profissional em pleno regime, sobrava para todos e não podia constituir-se em razão relevante para disputas. Entre o título e o tempo, os mais afeiçoados ao dinheiro optavam pelo tempo, mormente quando, além de não trazer pecúnia, o título implicava indiretamente em sua redução. É de aceitar-se que uma extremada vaidade impelisse alguns à caça do título no qual viam um adorno com que pudessem pavonear com sucesso no seio de uma sociedade ainda tipicamente provinciana. Mas o decisivo pêso das motivações estava num idealismo incontestado, quando não no meritório desejo de conviver em uma comunidade cultural.

Nesta Faculdade, o culto à docência-livre floresceu como em nenhuma outra. Nenhum assistente de ensino permanecia no posto por mais de dois anos se, ao cabo deles, não sobraçasse já o título ou não se encontrasse pelo menos inscrito em concurso para conquistá-lo. Nos muitos concursos havidos, tanto de cátedra como de docência, não foram poucos os casos de reprovação. Mas o respeito, que sempre se cultivou para com os que chegavam imbuídos de aspirações tão nobres, terminou por converter em costume a aplicação de uma fórmula piedosa pela qual se pudesse poupar ao inexitoso o amargo dissabor de uma pública rejeição. Das cinco provas que constituíam o concurso, a da defesa de tese vinha sempre por último. Assim, quando a comissão examinadora se convencera da inaptidão do candidato, confidenciava-lhe a recomendação de desistência sugerindo que, sob alegação de doença, deixasse de comparecer à defesa de tese. Dessa forma, dava-se ao candidato a oportunidade de safar-se, livre da pecha de reprovação que, essa sim, muito haveria de repercutir em seus interesses profissionais. Isso, porém, só era viável quando, no juízo da banca examinadora, a impossibilidade de aprovação se definia ainda em tempo de poder ser executada a caridosa manobra. Casos houve, no entanto, em que o pronunciamento reprobatório só chegava à definição após a defesa da tese. Também ocorreu, por mais de uma vez, que o candidato puzesse em dúvida a validade da advertência e se decidisse a tentar a sorte na última refrega. Duvido que em algu-

ma vez ela lhe tenha sorrído. Em qualquer dos casos, a reprovação ficava publicamente registrada, na solenidade da proclamação dos resultados, que se efetivava à frente do candidato, de seus colegas, amigos e familiares, de professores e alunos, de uma multidão, enfim, que lotava o vasto Salão Nobre e ainda se esparramava pelos corredores.

Um concurso na Faculdade era sempre um acontecimento notório. Revestia-se de uma atmosfera emocional que a todos envolvia. Para os que o rondavam, tinha algo de aterrador e de fascinante. Enfrentá-lo valia dizer heroísmo ou imprudência. Por isso, muitos valores que poderiam tê-lo vencido galhardamente e dos quais se esperava este gesto, preferiram manter-se à distância. E o açodamento de outros os levou a morder o pó da derrota.

A defesa de tese, para a qual se reservava um turno inteiro da manhã ou da tarde, constituía a fase culminante daquelas batalhas campais. Nos concursos à cátedra, dos cinco membros da comissão julgadora, três eram especialistas de renome na matéria versada na tese e eram escolhidos a dedo nas diversas faculdades oficiais do país. Alheios ao nosso ambiente, pouco lhes importava o tipo de sentimento que, por sua conduta pública, aqui pudessem granjear. Não traziam travas na língua mas sim o temor ao debate com um desconhecido. É natural que vissem nele uma inconfessada ameaça. Por isso eram, em regra, duros, agressivos, contundentes, bastante preocupados em «ganhar no grito». E serviam, sem o querer, para que o público pudesse logo enquadrar o candidato em uma de duas categorias: a dos diplomatas e a dos gladiadores. Com os primeiros, o embate a-mainava rapidamente e terminava na suavidade de violinos cantando em surdina. Com os outros, a guerra se acirrava, alteavam-se as vozes, as veemências se alternavam escaldantes no choque das idéias, no confronto das opiniões.

A esse espremido crivo tiveram de sujeitar-se tantos quantos, até bem pouco, pretenderam ser professores nesta escola. Eis outra razão por que os tive, em meu tempo, tão qualificados. Hoje os tempos começam a ser outros. O magistério oficial está profissionalizado e es-

calonado em quatro graus de hierarquia em que o ingresso e a ascensão se tornaram muito suavizados. Tudo isso é bom, fazia-se necessário, embora ainda pudesse ser bem melhor. A remuneração do professor deixou de ser um mero símbolo. Se ainda não chega a ser compensadora, os olhos do aventureiro já não a contemplam com o mesmo desprezo de antanho. Os títulos de magistério passaram a constituir-se, de umas décadas para cá, em poderosa arma de combate numa competição profissional cada vez mais acirrada, na medida em que as nove faculdades de Medicina, atualmente existentes no Estado, despejam cada ano, num já saturado mercado de trabalho, mais de meio milhar de novos profissionais. Agora já é interessante ser professor. As seduções cresceram para a impostura.

Dentre os autênticos que me introduziram na arte de Hipócrates, guardo de vários uma carinhosa e reverente recordação. Muito me alegraria em citar-lhes os nomes, destacando o que foram e o que fizeram. Especialmente porque alguns ainda vivem e bem mereceriam receber esse consolo para a tristeza de seus ocosos. Mas o juízo que deles faço, assim como o dos que menos me merecem, tem muito de subjetividade e de emocional. Temo, assim, ser injusto para com outros mesmo para com aqueles que me pareceram impostores. Só um nome me é lícito citar sem temor a erro ou a injustiça, porque sobrepaira, único, num plano fora de confrontos. É o nome de um homem de quem ainda alcancei ser aluno, já pouco antes de sua morte. De um homem que teve em alto grau a sabedoria, o heroísmo e a santidade que o magistério exige. Que foi o mestre dos mestres, o pioneiro fundador desta Faculdade, sua própria alma enquanto viveu e é, agora na morte, o seu nume tutelar. Refiro-me a Eduardo Sarmiento Leite da Fonseca, o «velho Sarmiento», como simplesmente o chamávamos. Em sua figura consigno aqui, em nome desta Faculdade que lhe segue os passos, o eterno reconhecimento a todos os verdadeiros mestres que nela viveram e foram os artífices de sua incontestável grandeza.

Praza aos céus que assim possamos mantê-la. Tal como nos foi legada.